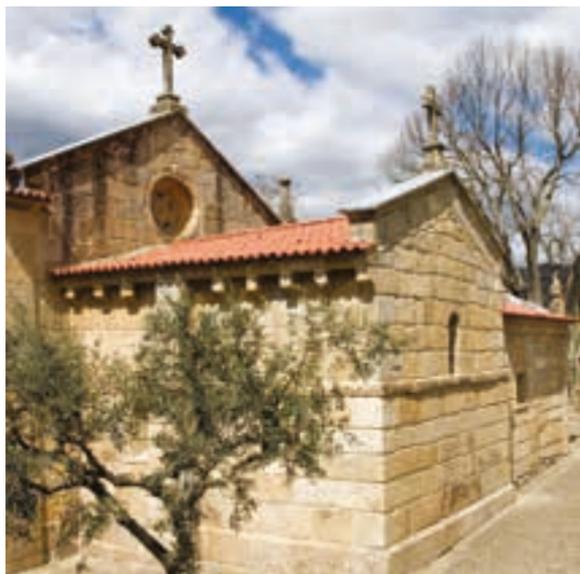


20.

IGREJA DE SÃO PEDRO DE ABRAGÃO



Largo Dr. Armando Melo
Abragão
Penafiel



41° 9' 26.6" N
8° 13' 20.8" O



918 116 488



Sáb. 16h/17h (inv./ver.)
Dom. 7h e 11h



São Pedro
29 junho



Monumento Nacional
1977



P. 25



P. 25



Sim

A Igreja de São Pedro de Abragão conserva da época Românica unicamente a cabeceira. Contudo, esta cabeceira é um significativo testemunho da arquitetura românica da região. Apresenta, no exterior, um friso composto por motivos geométricos, que recorda o modo de decorar as igrejas das épocas visigótica e moçárabe e cuja revivescência, em obras do século XIII, constitui um dos mais interessantes e peculiares fenómenos da arquitetura românica portuguesa. O dialeto românico dos Vales do Sousa e do Baixo Tâmega patenteia singularmente este fenómeno.

Em 1105 é já referida a existência da Igreja de Abragão, data em que Paio Peres Romeu doa, por testamento, a quarta parte de "Sancto Petro de Auregam" ao Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90). Não era, no entanto, aquela Igreja o edifício respeitante à cabeceira românica que hoje se conserva, pois esta é datada do segundo quartel do século XIII, correspondendo a uma edificação que a tradição atribui à iniciativa de D. Mafalda (1195-1256), filha do rei D. Sancho I (r. 1185-1211).

A fachada principal, bem como a nave, correspondem a uma reedificação da segunda metade do século XVII.

A cabeceira e o respetivo arco cruzeiro constituem os únicos elementos românicos que restaram da construção original. A cabeceira retangular é formada por dois tramos ritmados e por contrafortes escalonados mostrando uma solução destinada a minorar a infiltração das águas pluviais. No interior, a abóbada de pedra de arco quebrado cobre toda a estrutura da cabeceira, abrigando um retábulo da época barroca. A capela-mor apresenta decoração escultórica de temática vegetalista, incluindo o arco triunfal que é encimado por uma rosácea, em forma de estrela de cinco pontas, e cuja decoração se reporta aos tradicionais temas da suástica flamejante, das rosetas de seis folhas e das palmetas, executadas a bisel. As bases bolbiformes, as colunas adossadas e os capitéis, muito volumosos em relação à pouca altura da cabeceira, apresentam temas decorativos semelhantes

aos do portal principal do Mosteiro de Travanca (Amarante) (p. 212). Os capitéis são um bom testemunho da maneira românica de esculpir. Um deles apresenta atlantes na aresta que se apoiam em folhas e o outro, aves entrelaçadas pelo pescoço. A forma de distribuir a escultura é bem enquadrada no cesto dos capitéis. No capitel da esquerda, as figuras-atlantes, cujas cabeças estão na aresta do cesto, acentuam a função de suporte da coluna e, no capitel da direita, as aves afrontam-se na aresta, sendo a face central do cesto ocupada por uma cabeça de animal que abocanha as caudas das aves. Este modo de esculpir os capitéis, numa relação muito estreita entre a sua forma e o modo de dispor a escultura, é precisamente um dos aspetos que mais caracteriza e particulariza a escultura da época românica.



ACHADOS DA IGREJA DE ABRAGÃO

Em 2006, no decorrer dos trabalhos do arranjo urbanístico do Centro Cívico de Abragão, foi encontrada, no edifício de apoio à Junta de Freguesia, uma significativa série de elementos arquitetónicos da época românica provenientes da Igreja. Na construção das paredes do edifício - utilizado como oficina de ferreiro - foram incluídas várias peças, umas aparelhadas e outras esculpidas, pertencentes à antiga nave da Igreja, reedificada na segunda metade do século XVII.

A cabeceira e o respetivo arco cruzeiro constituíam, até ao presente, os únicos elementos românicos que restavam da construção original. Esta descoberta veio enriquecer o valor patrimonial da Igreja românica. O estudo e a musealização das peças no Centro de Interpretação da Escultura Românica (p. 260), junto à Igreja, contribuem para um melhor conhecimento, não somente da Igreja de Abragão, mas de todo o românico das bacias do Baixo Tâmega e do Vale do Sousa.

Dos elementos encontrados são de destacar capitéis, bases, aduelas e fustes pertencentes a um portal. A sua dimensão e quantidade permitem supor que integravam o portal principal da Igreja. Os capitéis com animais afrontados, as palmetas tratadas a bisel e as aduelas esculpidas com um motivo de círculos secantes, aproximam estas peças da escultura das Igrejas de Boelhe (p. 156) e de Paço de Sousa (p. 90), ambas no concelho de Penafiel.

Mais surpreendente é a dimensão e qualidade escultórica da rosácea que vários elementos testemunham. Este indício é precioso por duas razões. Por um lado, as rosáceas das outras igrejas românicas da região, como as dos Mosteiros de Paço de Sousa e de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30), foram alvo de alterações e, por outro, a dimensão que a rosácea de Abragão apresenta permite pensar que a nave da Igreja teria uma escala bem superior à da cabeceira. Tudo indica que a Igreja de Abragão apresentava uma monumentalidade até agora insuspeitada.



A fachada principal e a nave datam do século XVII, como esclarecem as inscrições existentes na obra de pedraria. No ano de 1668 procedeu-se à reedificação da nave, sendo o patrono da obra o abade Ambrósio Vaz Golias. Atendendo ao estado de ruína que apresentava a nave da Igreja, o abade enceta essa campanha reformadora para dignificação do velho templo.

A fachada e a nave da Igreja inserem-se na corrente maneirista, dentro de um gosto austero e depurado. No interior da Igreja há elementos de gosto barroco patentes nas estruturas retabulares dos altares colaterais e do altar-mor bem como na pintura policroma sobre pedra, na parede contígua ao arco triunfal e nas paredes e teto da capela-mor.



Esta Igreja recebeu um restauro em 1845, sendo as obras custeadas por José António de Matos, residente no Brasil e natural desta freguesia, numa atitude que a imprensa da época classificou de piedosa e patriótica. As obras da Igreja, que ameaçava ruína, foram dirigidas por Francisco Monteiro Guedes Meireles de Brito, que conservou na reedificação o mesmo cunho e carácter do edificio primitivo: Igreja veneranda cuja origem pouco cede em antiga à da “monarchia”.

Apesar de não ser possível saber quais os elementos atingidos pelas obras de 1845, é significativo que a elas tenha presidido a ideia de conservar o cunho e carácter originais, tratando-se por isso de um restauro e não de uma obra de conservação ou de modernização, motivado pelo prestígio da tradição que atribui a D. Mafalda (p. 158) a fundação da Igreja.



A NÃO PERDER

- 0,06 km: Centro de Interpretação da Escultura Românica (p. 260)